



TRADUÇÕES

OS MANES⁸²

DE KAROLINE VON GÜNDERRODE

TRADUÇÃO DE SOFIA FROEHLICH KOHL

Sofia Froehlich Kohl

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil

sofia.fk@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v5i1.36769>

Recebido em: 04/03/2021

Aceito em: 24/05/2021

Publicado em novembro de 2021

Discípulo

Sábio mestre! Ontem estive nas catacumbas dos reis da Suécia. Um dia antes de ler a história de Gustavo Adolfo, me aproximei de seu caixão com um sentimento terrivelmente estranho e doloroso; sua vida e seus atos passaram pelo meu espírito, vi ao mesmo tempo sua vida e sua morte, seus grandes atos e seu profundo descanso, no qual ele já estava dormindo por quase dois séculos. Lembrei-me do tempo sombrio em que ele vivera, e minha alma era como uma cripta do qual as sombras do passado se elevavam pálidas e ondulantes. Chorei por sua morte com lágrimas quentes, como se ele só tivesse falecido hoje. Esquecido! Perdido! Desaparecido! - eu disse para mim mesmo - São estes todos os frutos de uma vida grandiosa? Esses pensamentos, esses sentimentos me dominaram, tive que deixar a cripta, procurei distração, procurei outras dores, mas o espírito subterrâneo e sombrio me persegue por toda parte, não consigo me livrar desta melancolia, que recobre minha presença como uma fita de luto; esta época me parece monótona e vazia, uma dor ansiosa me atrai poderosamente para o passado. Esquecido! Perdido! clama o meu espírito. Oh, como eu queria ter morrido junto! e não teria visto este tempo maligno, em que as épocas passadas estão desaparecendo, em que sua grandeza está perdida.

⁸² Fragmento traduzido na íntegra, publicado em *Gedichte und Phantasien* [Poemas e fantasias], em 1804.



Mestre

Perdido, jovem? Nada está perdido de forma alguma; apenas nosso olho não é capaz de perceber a longa cadeia infinita desde a causa até todas as consequências. Mas mesmo que você não queira levar isso em consideração, não pode chamar de perdido e esquecido aquilo que lhe move com tanta força e tem um efeito tão poderoso sobre você. Eu o conheço há muito tempo, e me parece que seu próprio destino e o presente dificilmente o comoveram com tanta intensidade como a memória deste grande rei. Ele não vive ainda em você? ou você chama de vida apenas aquilo que vive na carne e no visível? e lhe parece esquecido e perdido o que ainda afeta e ainda existe em pensamento?

Discípulo

Se esta é uma vida, não é mais do que uma pálida vida de sombra; porque é a memória do que foi, do real, que é mais do que as sombras pálidas dessa realidade!

Mestre

O presente auspicioso é o menor ponto e o mais fugaz; quando se toma consciência do presente, ele já é passado; a consciência do prazer está sempre na memória. O passado só pode ser entendido dessa maneira, quer tenha passado há muito tempo, quer tenha passado apenas agora, não importa.

Discípulo

É verdade. Assim um grande homem vive em mim e me afeta não à sua maneira, mas à minha, da maneira com que o acolho, como e se quero me lembrar dele.

Mestre

É claro que ele somente vive em você na medida em que você o aprecia, na medida em que suas condições o tornam capaz de acolhê-lo em seu interior, na medida em que vocês têm algo em comum; o estranho em você não estabelece nenhuma conexão com ele, e ele não pode agir sobre esse estranho; e apenas com esta restrição todas as coisas funcionam. Aquilo pelo que você não tem nenhum apreço se perde, como o mundo das cores para os cegos.



Discípulo

Disso resulta que nada se perde totalmente, que as causas continuam a operar em suas consequências (ou, como você diz, continuam vivas), mas que só podem ter um efeito sobre aquilo para que têm sensibilidade ou pelo que tem apreço.

Mestre

Muito bem!

Discípulo

Bem! o mundo e a razão talvez tenham o bastante desse *não se perder* para continuar vivendo dessa maneira, mas isso não é suficiente para mim; um profundo desejo me leva de volta ao seio do longínquo, eu gostaria de estar em contato direto com os manes do grandioso passado.

Mestre

Você acha que isso é possível?

Discípulo

Pensei que era impossível quando nenhum desejo me atraía a isso; eu teria considerado tola qualquer questão desse tipo há apenas pouco tempo; hoje já desejo que uma conexão com o mundo espiritual seja possível, de fato acho que estou inclinado a considerá-la acreditável.

Mestre

Parece-me que os manes de Gustavo Adolfo ajudaram seu olho interior a se manifestar oportunamente, e você me parece maduro para ouvir minha opinião sobre estes assuntos. Certamente como todas as coisas harmoniosas estão conectadas de alguma maneira, visível ou invisível, então certamente também estamos conectados com *aquela parte* do mundo espiritual que se harmoniza conosco; um pensamento semelhante ou igual em cabeças diferentes, mesmo sem que nunca tenham se conhecido, já é no sentido espiritual uma conexão. A morte de



alguém que está conectado a mim não interrompe essa conexão. A morte é um processo químico, uma separação das forças, mas não um aniquilador; ela não quebra o vínculo entre mim e almas semelhantes, mas o progresso de uma e o retrocesso da outra podem muito bem dissolver esta comunhão, assim como uma pessoa que é notavelmente avançada não mais se harmonizará com seu amigo ignorante e rude de juventude. Você facilmente poderá aplicar o que foi dito no geral e no particular.

Discípulo

Perfeitamente! Você diz que a harmonia de forças é união; a morte não interrompe essa união, na medida em que ela apenas separa, não destrói.

Mestre

Eu acrescentaria: a interrupção daquilo que realmente constituía essa harmonia (por exemplo, mudança de pontos de vista e opiniões, quando a harmonia consistisse precisamente nisto) também deveria necessariamente interromper esta conexão.

Discípulo

Isso eu não desconsiderarei.

Mestre

Bem! Então uma conexão com pessoas falecidas é possível, desde que não tenham deixado de se harmonizar conosco?

Discípulo

Admito.

Mestre

Trata-se apenas de que se tome consciência dessa conexão. Meras forças espirituais não podem se manifestar aos nossos sentidos externos; elas não têm efeito sobre nós através de nossos olhos e ouvidos, mas através do único órgão que



possibilita uma conexão com elas, através do sentido interior; sobre ele, essas forças agem diretamente. Esse sentido interior, o órgão mais profundo e sutil da alma, é totalmente subdesenvolvido em quase todas as pessoas, apenas presente em estágio embrionário; o ruído do mundo, a agitação dos negócios, o hábito de olhar somente *na* superfície e somente *a* superfície, não permitem que ele se forme, que desenvolva qualquer consciência clara, e por isso geralmente não é reconhecido, e o que se revelou através dele aqui e ali em todos os momentos sempre encontrou tantos contestadores e difamadores; e até agora sua percepção e seu efeito é a mais rara das individualidades em pessoas extremamente raras. - Estou longe de defender certas ridículas aparições e certas ridículas faces de espíritos, mas posso conceber claramente que o sentido interior pode estar comovido de tal forma, que a aparência do interior possa vir antes do olho corpóreo, assim como, inversamente, a aparência exterior geralmente vem antes do olho espiritual. Assim, não preciso explicar tudo o que é milagroso como engano ou ilusão dos sentidos. Mas me lembro de que na linguagem do mundo esse desenvolvimento do sentido interior é chamado de imaginação desvairada.

Aquele, cujo sentido interior, o olho do espírito, foi aberto, vê coisas ligadas a esse sentido que são invisíveis para os outros. É deste sentido interior que surgiram as religiões e muitos dos apocalipses dos velhos e dos novos tempos. Desta capacidade do sentido interior de perceber conexões invisíveis para outras pessoas (das quais o olho do espírito está fechado) surge a profecia, pois ela nada mais é do que o dom de ver a conexão entre o presente e o passado com o futuro, a incontornável conexão das causas e efeitos. A profecia é a percepção do futuro. Não se pode aprender a arte da adivinhação, seu significado é misterioso, ele se desenvolve de uma maneira misteriosa; muitas vezes ele só se revela como um rápido relâmpago, que é então enterrado novamente pela noite escura. Não se pode chamar espíritos por invocações, mas eles podem se revelar para o espírito, o sensível pode recebê-los, eles podem aparecer para o sentido interior.

O mestre silencia, e seu ouvinte o deixa. Muitos pensamentos agitam seu interior, e toda sua alma se esforça para se apropriar do que ouviu.



**DIE MANEN
DE KAROLINE VON GÜNDERRODE**

Schüler

Weiser Meister! ich war gestern in den Katakomben der Könige von Schweden. Tags zuvor hatte ich die Geschichte Gustav Adolfs gelesen, und ich nahte mich seinem Sarge mit einem äußerst sonderbaren und schmerzlichen Gefühl; sein Leben und seine Taten gingen vor meinem Geiste vorüber, ich sah zugleich sein Leben und seinen Tod, seine große Tätigkeit und seine tiefe Ruhe, in der er schon dem zweiten Jahrhundert entgegen schlummert. Ich rief mir die dunkle grausenvolle Zeit zurück, in welcher er gelebt hat, und mein Gemüt glich einer Gruft, aus welcher die Schatten der Vergangenheit bleich und schwankend heraufsteigen. Ich weinte um seinen Tod mit heißen Tränen, als sei er heute erst gefallen. Dahin! Verloren! Vergangen! sagte ich mir selbst, sind das alle Früchte eines großen Lebens? Diese Gedanken, diese Gefühle überwältigten mich, ich mußte die Gruft verlassen, ich suchte Zerstreuung, ich suchte andere Schmerzen, aber der unterirdische trübe Geist verfolgt mich allenthalben, ich kann diese Wehmut nicht los werden, sie legt sich wie ein Trauerflor über meine Gegenwart; dies Zeitalter deucht mir schal und leer, ein sehnsuchtsvoller Schmerz zieht mich gewaltig in die Vergangenheit. Dahin! Vergangen! ruft mein Geist. O möchte ich mit vergangen sein! und diese schlechte Zeit nicht gesehen haben, in der die Vorwelt vergeht, an der ihre Größe verloren ist.

Lehrer

Verloren, junger Mensch? Es ist nichts verloren und in keiner Rücksicht; nur unser Auge vermag die lange unendliche Kette von der Ursache zu allen Folgen nicht zu übersehen. Aber wenn du auch dieses nicht bedenken willst, so kannst du doch das nicht verloren und dahin nennen, was dich selbst so stark bewegt und so mächtig auf dich wirkt. Schon lange kenne ich dich, und mich deucht, dein eignes Schicksal und die Gegenwart haben dich kaum so heftig bewegt als das Andenken dieses großen Königs. Lebt er nicht jetzt noch in dir? oder nennst du nur Leben, was im Fleisch und in dem Sichtbaren fortlebt? und ist dir das dahin und verloren, was noch in Gedanken wirkt und da ist?



Schüler

Wenn dies ein Leben ist, so ist es doch nicht mehr als ein bleiches Schattenleben; denn ist die Erinnerung des Gewesenen, Wirklichen mehr als ihre bleichen Schatten dieser Wirklichkeit!

Lehrer

Die positive Gegenwart ist der kleinste und flüchtigste Punkt; indem du die Gegenwart gewahr wirst, ist sie schon vorüber, das Bewußtsein des Genusses liegt immer in der Erinnerung. Das Vergangene kann in diesem Sinn nur betrachtet werden, ob es nun längst oder soeben vergangen, gleichviel.

Schüler

Es ist wahr. So lebt und wirkt aber ein großer Mensch nicht nach seiner Weise in mir fort, sondern nach meiner, nach der Art, wie ich ihn aufnehme, wie ich mich und ob ich mich seiner erinnern will.

Lehrer

Freilich lebt er nur fort in dir, insofern du Sinn für ihn hast, insofern deine Anlage dich fähig macht, ihn zu empfangen in deinem Innern, insofern du etwas mit ihm Homogenes hast; das Fremdartige in dir tritt mit ihm in keine Verbindung, und er kann nicht auf es wirken; und nur mit dieser Einschränkung wirken alle Dinge. Das, wofür du keinen Sinn hast, geht für dich verloren, wie die Farbenwelt dem Blinden.

Schüler

Hieraus folgt, daß nichts ganz verloren geht, daß die Ursachen in ihren Folgen fortwirken (oder wie du dich ausdrückst, *fortleben*), daß sie aber nur auf dasjenige wirken können, das Empfänglichkeit oder Sinn für sie hat.



Meister

Ganz recht!

Schüler

Gut! die Welt und die Vernunft möge genug haben an diesem *nicht verloren sein*, an dieser Art fort zu leben, aber mir ist es nicht genug; eine tiefe Sehnsucht führt mich zurück in den Schoß der Vergangenheit, ich möchte einer unmittelbaren Verbindung mit den Manen der großen Vorzeit stehen.

Lehrer

Hältst du es denn für möglich?

Schüler

Ich hielt es für unmöglich, als noch kein Wunsch mich dahin zog, ja, ich hätte noch vor kurzem jede Frage der Art für töricht gehalten; heute wünsche ich schon, eine Verbindung mit der Geisterwelt möchte möglich sein, ja mir dünkt, ich sei geneigt, sie glaublich zu finden.

Lehrer

Mir scheint, die Manen Gustav Adolfs haben deinem innern Auge zu einer glücklichen Geburt verholfen, und du scheinst mir reif, meine Meinung über diese Gegenstände zu vernehmen. So gewiß alle harmonischen Dinge in einer gewissen Verbindung stehen, sie mag nun sichtbar oder unsichtbar sein, so gewiß stehen auch wir in einer Verbindung mit *dem Teil* der Geisterwelt, der mit uns harmonisiert; ein ähnlicher oder gleicher Gedanke in verschiedenen Köpfen, auch wenn sie nie von einander wußten, ist im geistigen Sinne schon eine Verbindung. Der Tod eines Menschen, der in einer solchen Verbindung mit mir stehet, hebt diese Verbindung nicht auf. Der Tod ist ein chemischer Prozeß, eine Scheidung der Kräfte, aber kein Vernichter, er zerreißt das Band zwischen mir und ähnlichen Seelen nicht, das Fortschreiten des einen und das Zurückbleiben des andern aber kann wohl diese



Gemeinschaft aufheben, wie ein Mensch, der in allem Vortrefflichen fortgeschritten ist, mit seinem unwissenden und roh gebliebenen Jugendfreud nicht mehr harmonieren wird. Du wirst das Gesagte leicht ganz allgemein und ganz aufs Besondere anwenden können.

Schüler

Vollkommen! Du sagst, Harmonie der Kräfte ist Verbindung; der Tod hebt diese Verbindung nicht auf, indem er nur scheidet, nicht vernichtet.

Lehrer

Ich fügte noch hinzu: das Aufheben dessen, was eigentlich diese Harmonie ausmachte (z. B. Veränderung der Ansichten und Meinungen, wenn die Harmonie gerade darin bestand) müßte auch notwendig diese Verbindung aufheben.

Schüler

Ich hab' es nicht außer der Acht gelassen.

Lehrer

Gut! Eine Verbindung mit Verstorbenen kann also statt haben, insofern sie nicht aufgehört haben, mit uns zu harmonieren?

Schüler

Zugegeben.

Lehrer

Es kommt nur darauf an, diese Verbindung gewahr zu werden. Bloß geistige Kräfte können unsern äußeren Sinnen nicht offenbar werden; sie wirken nicht durch unsere Augen und Ohren auf uns, sondern durch das Organ, durch das allein eine Verbindung mit ihnen möglich ist, durch den innern Sinn, auf ihn wirken sie



unmittelbar. Dieser innere Sinn, das tiefste und feinste Seelenorgan, ist bei fast allen Menschen gänzlich unentwickelt und nur dem Keim nach da; das Geräusch der Welt, das Getreibe der Geschäfte, die Gewohnheit, nur *auf* der Oberfläche und nur *die* Oberfläche zu betrachten, lassen es zu keiner Ausbildung, zu keinem deutlichen Bewußtsein kommen, und so wird es nicht allgemein anerkannt, und was sich hier und da zu allen Zeiten in ihm offenbaret hat, hat immer so viele Zweifler und Schmäher gefunden; und bis jetzt ist sein Empfangen und Wirken in äußerst seltenen Menschen die seltenste Individualität. - Ich bin weit davon entfernt, so manchen lächerlichen Geisteserscheinungen und Gesichtern das Wort zu reden; aber ich kann es mir deutlich denken, daß der innere Sinn zu einem Grade affiziert werden kann, nach welchem die Erscheinung des Innern vor das körperliche Auge treten kann, wie gewöhnlich umgekehrt, die äußere Erscheinung vor das Auge des Geistes tritt. So brauche ich nicht alles Wunderbare durch Betrug oder Täuschung der Sinne zu erklären. Doch ich erinnere mich, man nennt in der Sprache der Welt diese Entwicklung des innern Sinns überspannte Einbildung.

Wem also der innere Sinn, das Auge des Geistes, aufgegangen ist, der sieht dem andern unsichtbare, mit ihm verbundene Dinge. Aus diesem innern Sinn sind die Religionen hervorgegangen und so manche Apokalypsen der alten und neuen Zeit. Aus dieser Fähigkeit des innern Sinnes, Verbindungen, die andern Menschen (deren Geistesauge verschlossen ist) unsichtbar sind, wahrzunehmen, entsteht die Prophezeiung, denn sie ist nichts anders als die Gabe, die Verbindung der Gegenwart und Vergangenheit mit der Zukunft, den notwendigen Zusammenhang der Ursachen und Wirkungen zu sehen. Prophezeiung ist Sinn für die Zukunft. Man kann die Wahrsagekunst nicht erlernen, der Sinn für sie ist geheimnisvoll, er entwickelt sich auf eine geheimnisvolle Art; er offenbart sich oft nur wie ein schneller Blitz, der dann von dunkler Nacht wieder begraben wird. Man kann Geister nicht durch Beschwörungen rufen, aber sie können sich dem Geiste offenbaren, das Empfängliche kann sie empfangen, dem innern Sinn können sie erscheinen.

Der Lehrer schwieg, und sein Zuhörer verließ ihn. Mancherlei Gedanken bewegten sein Inneres, und seine ganze Seele strebte, sich das Gehörte zum Eigentum zu machen.



Biografia da autora

Karoline von Günderrode, a filha mais velha de uma família aristocrata falida, nasceu em 1780, em Karlsruhe. Consciente da discriminação enfrentada pelas mulheres da época, acreditava na educação como única forma de superar os limites que lhes eram impostos. Colocou essa concepção em prática e, por meio da leitura, obteve formação exemplar em diversas áreas (como literatura, filosofia, mitologias e outras), tematizadas em seus dramas, poemas e cartas (DUDA, 2021). Possivelmente a mais radical e a mais moderna escritora de sua época (HOFF, 2000, p. 182), Günderrode tinha consciência da necessidade de se manter dentro dos limites impostos às mulheres e infligia, por essa razão, autocensuras, traduzidas na escolha de escrever sob pseudônimos masculinos, deixar dramas inacabados e, finalmente, suicidar-se (ibid, p. 180).

Resumo da obra

Die Manen [Os manes] é o quarto texto da obra *Gedichte und Phantasien* [Poemas e fantasias], de Karoline von Günderrode, publicada em 1804 sob o pseudônimo *Tian* e composta por poemas e fragmentos de drama e de prosa (BIBLIOTHECA AUGUSTANA, 2021). *Manes*, na mitologia romana, é o termo utilizado para designar o coletivo dos mortos, que, mesmo habitando outro plano, ainda influenciam este (MARK, 2019). Esse aspecto perene do espírito – que perdura mesmo após a morte da carne – é o tema do fragmento, construído de forma a representar poeticamente a amizade (um diálogo entre iguais), que para Günderrode era a dimensão humana do amor (HILMES, 2004, p. 68). Tal diálogo é protagonizado no texto por um discípulo e um mestre, que discutem sobre o efeito e a durabilidade dos grandes atos e de vidas grandiosas e sobre a possibilidade da conexão entre espíritos, de pessoas vivas ou mortas.



Projeto de tradução

Die Manen já é pelo título instigante, por avisar o leitor de antemão sobre o assunto da conversa, e propor uma discussão filosófica amparada em mitologia. O fragmento apresenta dois traços que poderiam fazer (e fazem) dele um desafio de tradução considerável: além (ou sobretudo por causa) desse formato de discussão filosófica, é um texto literário escrito no início do século XIX. Manter o aspecto filosófico e a possível metatextualidade dos discursos sem deixar as falas opacas foi certamente a maior dificuldade ao traduzir. A mescla entre pensamento lógico e emoção, já perceptível no início do diálogo, parece ser o âmago do debate: a conversa surge dos sentimentos do discípulo, que, ao expressá-los verbalmente para o mestre, procura, de certa forma, racionalizá-los, atribuindo-os à perda e ao desaparecimento. Já o mestre, ao contrário, parece partir da lógica para precisamente amparar esses sentimentos não na experiência da perda, mas na consciência da manutenção de um vínculo.

Apesar desse traço mais introspectivo, a linguagem do texto é consideravelmente acessível. Algumas poucas ocorrências podem, porém, contradizer essa percepção, como no caso do uso de *Vorzeit* [uma palavra incomum para *passado*], na quinta fala do discípulo. Além de *Vorzeit* não ser uma palavra muito recorrente em língua alemã (cf. dicionário *Duden*), ela ainda figura na mesma frase com *Vergangenheit*, o significante mais usual (tanto que aparece no texto três outras vezes além desse trecho, e ainda nas formas de adjetivo, *vergangen*, e verbo, *vergehen*). O resultado mais imediato dessa frase em português seria a repetição da palavra *passado*, invariavelmente afetando a estética da fala.

***Vergangenheit* → passado**

***Vorzeit* → passado**

Trecho de partida	Trecho de chegada
(...) eine tiefe Sehnsucht führt mich zurück in den Schoß der <i>Vergangenheit</i> , ich möchte einer unmittelbaren Verbindung mit den Manen der großen <i>Vorzeit</i> stehen.	(...) um profundo desejo me leva de volta ao seio do <i>passado</i> , eu gostaria de estar em contato direto com os manes do grandioso <i>passado</i> .

A solução, com base no método da equivalência⁸³ (VINAY e DARBELNET, 1995, p. 38), foi procurar uma palavra em português que também tivesse esse caráter incomum. Optou-se, então, por *longínquo* para tradução de *Vorzeit*.

***Vergangenheit* → passado**

***Vorzeit* → longínquo**

Trecho de partida	Trecho de chegada
(...) eine tiefe Sehnsucht führt mich zurück in den Schoß der <i>Vergangenheit</i> , ich möchte einer unmittelbaren Verbindung mit den Manen der großen <i>Vorzeit</i> stehen.	(...) um profundo desejo me leva de volta ao seio do <i>passado</i> , eu gostaria de estar em contato direto com os manes do grandioso <i>longínquo</i> .

Entretanto, o significado de *longínquo* (cf. apresenta o dicionário *Aulete*) está mais intimamente ligado a situação remotas (a um passado não tão concreto, portanto), diferente do uso que o discípulo faz de *Vorzeit* em sua fala (se referindo especificamente ao passado grandioso de Gustavo Adolfo). Decidiu-se, por fim, pela substituição de *passado* por *longínquo* e de *longínquo* por *passado*, tendo em vista também que a palavra *Vergangenheit* tem no trecho esse mesmo aspecto de imprecisão de *longínquo*. Finalmente:

***Vergangenheit* → longínquo**

***Vorzeit* → passado**

Trecho de partida	Trecho de chegada
(...) eine tiefe Sehnsucht führt mich zurück in den Schoß der <i>Vergangenheit</i> , ich möchte einer unmittelbaren Verbindung mit den Manen der großen <i>Vorzeit</i> stehen.	(...) um profundo desejo me leva de volta ao seio do <i>longínquo</i> , eu gostaria de estar em contato direto com os manes do grandioso <i>passado</i> .

Outro termo traduzido com base no método da equivalência foi *Trauerflor*, que aparece já na fala de abertura do discípulo. Ao contrário de *Vorzeit*, porém, *Trauerflor* não se trata um termo incomum em alemão, mas de um referente

⁸³ "(...) a mesma situação pode ser apresentada por dois textos com estilo e estrutura completamente diferentes. Nesses casos, nos referimos ao método que produz textos equivalentes." (VINAY e DALBERNET, 1995, p.38 e tradução nossa). Exemplos clássicos de equivalência, como apontam os autores, seriam idiomatismos, clichês, provérbios, etc.



aparentemente um pouco incomum em português. Pela definição do dicionário *Duden*, *Trauerflor* é uma [f]ita preta usada na manga [de uma roupa], em uma botoeira, ou ao redor do chapéu, ou amarrada a uma bandeira, como sinal de luto⁸⁴. Talvez porque o uso dessa ‘fita preta’ como parte da vestimenta no luto não é tão difundido no Brasil, o termo para referi-la parece não ser tão consolidado quanto no caso do vocábulo em alemão. A expressão ‘fita preta’ em português traz resultados de pesquisa que se relacionam, majoritariamente, a fitas adesivas, ainda que na cultura brasileira haja registro de referência a essa nomenclatura, por exemplo, na música “Fita amarela”, de Noel Rosa, que diz *não quero choro nem vela, quero uma fita amarela* [não uma fita preta, que representaria luto e morte, mas uma fita de cor vivaz]. Por fim, *Trauerflor* foi traduzida como *fita de luto*, expressão que, a julgar pelos resultados da pesquisa na internet, parece ser bem aceita para se referir a esse objeto. Entretanto, é interessante destacar que, enquanto *Trauerflor* traz nos resultados de pesquisa pessoas com uma fita preta em sua vestimenta ou fitas pretas amarradas em bandeiras (que corresponde à definição do dicionário *Duden*), os resultados para *fita de luto* são quase exclusivamente um segmento de fita preta formando um laço único sobre fundo branco – o que endossa uma diferença na apropriação desse símbolo.

Trecho de partida	Trecho de chegada
(...) aber der unterirdische trübe Geist verfolgt mich allenthalben, ich kann diese Wehmut nicht los werden, sie legt sich wie ein <i>Trauerflor</i> über meine Gegenwart;	(...) mas o espírito subterrâneo e sombrio me persegue por toda parte, não consigo me livrar desta melancolia, que recobre minha presença como uma <i>fita de luto</i> ;

Sobre as escolhas lexicais da autora, ainda é interessante ressaltar a ocorrência única da palavra *Meister* [mestre], quando da introdução da quarta fala do mestre: enquanto o discípulo é sempre referido como *Schüler* [aluno, discípulo], o mestre, além de ser referido como *Lehrer* [professor], também é referido (uma única vez), como *Meister*. Para essa mudança abrupta de nomeação não foi encontrada uma justificativa, mas se optou por traduzir *Lehrer* e *Schüler* por *mestre* e *discípulo* e manter assim por todo o texto.

⁸⁴ [S]chwarzes Band [aus feinem, florartigem Gewebe], das als Zeichen der Trauer am Ärmel, in einem Knopfloch oder um den Hut getragen oder an eine Fahne geknüpft wird.

O último destaque em relação ao processo tradutório recai não sobre escolhas lexicais, mas sobre a escolha de alteração temporal do último parágrafo do fragmento (à exceção do primeiro verbo do parágrafo, *schweigen* [calar-se, silenciar]). Ao contrário de todos os demais, esse parágrafo não é uma fala, mas narração do encerramento da conversa. Por esse motivo, se entendeu que essa mudança não influenciaria na temporalidade do diálogo e ao mesmo tempo evitaria a rima entre os dois verbos da primeira frase. A seguir, a tradução do texto se mantidos os verbos no pretérito:

***verließ* → deixou**

***bewegten* → agitaram**

***strebte* → se esforçou**

Trecho de partida	Trecho de chegada
Der Lehrer <i>schwie</i> , und sein Zuhörer <i>verließ</i> ihn. Mancherlei Gedanken <i>bewegten</i> sein Inneres, und seine ganze Seele <i>strebte</i> , sich das Gehörte zum Eigentum zu machen.	O mestre silenciou, e seu ouvinte o <i>deixou</i> . Muitos pensamentos <i>agitaram</i> seu interior, e toda sua alma <i>se esforçou</i> para se apropriar do que ouviu.

E, a seguir, o trecho como apresentado na versão final da tradução – apenas o tempo do verbo *schweigen* [calar-se, silenciar] foi mantido como se apresenta no texto de partida; os demais verbos foram traduzidos no presente.

***verließ* → deixa**

***bewegten* → agita**

***strebte* → se esforça**

Trecho de partida	Trecho de chegada
Der Lehrer <i>schwie</i> , und sein Zuhörer <i>verließ</i> ihn. Mancherlei Gedanken <i>bewegten</i> sein Inneres, und seine ganze Seele <i>strebte</i> , sich das Gehörte zum Eigentum zu machen.	O mestre silencia, e seu ouvinte o deixa. Muitos pensamentos <i>agitam</i> seu interior, e toda sua alma <i>se esforça</i> para se apropriar do que ouviu.

Como explicitado em duas ocasiões, as escolhas tradutórias, lexicais ou de outra natureza, foram apoiadas sobretudo nos métodos de tradução apresentados por Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet em *Comparative stylistics of French and English: A methodology for translation*. Optamos por examinar os casos de aplicação



dos métodos de tradução oblíquos, conforme classificam os autores, já que a necessidade da utilização dos métodos oblíquos é o que confere à tradução seu caráter desafiador (ibid, p. 34) – portanto instigante.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTHECA AUGUSTANA. **Karoline von Günderode 1780 – 1806**. Disponível em: <https://www.hs-augsburg.de/~harsch/germanica/Chronologie/19Jh/Guenderode/gue_intr.html>. Acesso em 27 fev. 2021.

DUDA, Sybille. Karoline von Günderode. **FemBio – Frauen Biographieforschung** (blog). Disponível em: <<https://www.fembio.org/biographie.php/frau/biographie/karoline-von-guenderode/>>. Acesso em 27 fev. 2021.

GÜNDERRODE, Karoline von. **Die Manen**. Disponível em: <<https://www.projekt-gutenberg.org/autoren/namen/guendero.html>>. Acesso em 27 fev. 2021.

HILMES, Carola. »... wie eine Religion zu zweit« Literarische Reflexionen romantischer Liebe bei Karoline von Günderode und Lou Andreas-Salomé. In: **Skandalgeschichten**. Aspekte einer Frauenliteraturgeschichte. Ulrike Helmer Verlag, 2004. Disponível em: <http://www.goethezeitportal.de/fileadmin/PDF/db/wiss/romantik/hilmes_liebe.pdf>. Acesso em 27 fev. 2021.

HOFF, Dagmar von. Kontingenz Erfahrung in der Romantik. Ausdrucksbegehren und Zensur bei Karoline von Günderode. **Pandaemonium Germanicum**, n. 4, p. 179-197. São Paulo: 2000. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/64193>>. Acesso em 27 fev. 2021.

KAROLINE von Günderode. Disponível em: <<https://www.projekt-gutenberg.org/autoren/namen/guendero.html>>. Acesso em 27 fev 2021.
LONGÍNQUO. Disponível em: <<https://aulete.com.br/long%C3%ADnquo>>. Acesso em 03 mar. 2021.

MARK, Joshua. Roman Household Spirits: Manes, Panes and Lares. **World History Encyclopedia**, 28 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://www.ancient.eu/article/34/roman-household-spirits-manes-panes-and-lares/>>. Acesso em 27 fev. 2021.

TRAUERFLOR. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Trauerflor>>. Acesso em 01 mar. 2021.



VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. *Comparative stylistics of French and English: A methodology for translation*. Traduzido por Juan C. Sager e M.-J. Hamel. John Benjamins Publishing Company Amsterdam. Philadelphia: 1995.

VORZEIT. Disponível em: < <https://www.duden.de/rechtschreibung/Vorzeit>>. Acesso em 01 mar. 2021.

Biografia da tradutora

Sofia Froehlich Kohl é bacharelanda em Letras – Português/Alemão na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e integra a rede de pesquisa nwww.ALMA-Diversität (Netzwerk weltweit ALMA-Diversität / network worldwide ALMA-Diversity), do Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS.